



# Carta de

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
Secretaria do Planejamento e Gestão  
FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA  
Siegfried Emanuel Heuser

ANO 18 Nº 09  
Setembro de 2009

# Conjuntura FEE

## Intensidade tecnológica da indústria gaúcha: como estamos?

Estudo da Organização Para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) classificou os setores industriais conforme o seu nível relativo de dispêndio em atividades de pesquisa e desenvolvimento (P&D) tecnológico. Usando essa metodologia, é possível classificar-se as indústrias de transformação gaúcha e brasileira em quatro classes, de acordo com sua intensidade tecnológica (IT): **alta, média-alta, média-baixa e baixa**. O mesmo pode ser feito com as exportações industriais.

Utilizando os dados mais recentes da Pesquisa Industrial Anual (PIA), do IBGE, de 2007, constata-se que apenas 2,6% da produção industrial gaúcha foram gerados em setores de **alta IT**, enquanto, na indústria nacional, foram de 7,1%. A melhor posição da indústria brasileira é explicada pela presença importante de setores de construção de aeronaves e de produtos farmacêuticos e eletrônicos. No caso do Rio Grande do Sul, o único setor de destaque entre os de **alta IT** é o de equipamentos de automação industrial. Quanto às exportações industriais do Estado em 2007, apenas 1,4% é classificado como de **alta IT**, bem abaixo dos 8,2% das vendas da indústria brasileira ao exterior.

Nos setores de **média-alta IT**, o RS consegue recuperar-se um pouco em relação ao Brasil. A existência de plantas importantes de produtos químicos e de máquinas e equipamentos em território gaúcho faz com que a participação do Estado nesses setores seja de 34,1%, frente aos 27,9% do Brasil. O mesmo ocorre com as exportações, que têm 31,1% de seus produtos oriundos de indústrias de **média-alta IT**. O principal mercado para os produtos gaúchos (principalmente tratores, máquinas agrícolas e químicos) é a América Latina, notadamente a Argentina.

A existência, ou não, de recursos naturais explica a diferença entre as participações de setores de **média-baixa IT** nas indústrias gaúcha (19,2%) e brasileira (32,1%). Os principais setores dessa classe são refino de petróleo e siderurgia, setores de grande importância no Brasil e de pequena no Rio Grande do Sul. Por serem indústrias de coeficientes de exportação relativamente baixos, a parcela de setores de **média-baixa IT** nas exportações é menor que suas participações na indústria. O Estado exporta, principalmente, derivados de petróleo, e o Brasil, produtos siderúrgicos.

Estrutura da produção industrial e das exportações industriais, segundo a intensidade tecnológica, no Brasil e no Rio Grande do Sul — 2007

INTENSIDADES TECNOLÓGICAS	PRODUÇÃO INDUSTRIAL		EXPORTAÇÕES INDUSTRIAIS	
	RS	Brasil	RS	Brasil
Alta .....	2,6	7,1	1,4	8,2
Média-alta .....	34,1	27,9	31,1	30,0
Média-baixa .....	19,2	32,1	9,2	24,8
Baixa .....	44,1	32,9	58,3	37,0

FONTE: FEE.

Tanto a produção industrial gaúcha (44,1%) quanto a brasileira (32,9%) são dominadas por setores de **baixa IT**, caso em que predomina a indústria de alimentos e bebidas, com participações de 17,5% na indústria de transformação do Rio Grande do Sul e de 16,6% na do Brasil. Entretanto são os setores de móveis, fumo e calçados e couros, de grande relevância na indústria gaúcha, que explicam o fato de o RS possuir uma maior dependência de setores de **baixa IT** na comparação com o Brasil. No caso das exportações, a dependência é maior ainda, em razão de os setores relevantes do RS possuírem, relativamente, coeficientes de exportação maiores que os nacionais.

A análise das informações acima indica que a indústria gaúcha baseia sua produção mais fortemente em setores de **média-alta e baixa IT** (78,2%). A relevância, no Estado, dos setores de produtos químicos, de máquinas e equipamentos, do fumo e de calçados e couros explica essa distribuição. Por outro lado, a maior presença na indústria brasileira dos setores de aeronaves, de eletrônicos, do petróleo e de produtos siderúrgicos faz com que a indústria nacional tenha, na média, uma maior participação de setores com mais elevados gastos relativos em P&D tecnológico do que a indústria do Rio Grande do Sul.

Martinho Lazzari (FEE/CIE)

## Viticultura: safra de 2009

A viticultura é uma cultura permanente que apresenta elevada produtividade em comparação com outras explorações agrícolas, atingindo valor econômico e agregação de valor maior que a de outras frutas. No RS, maior produtor nacional de vinho, a produção de uva está bastante concentrada na região da Serra, principalmente nos Municípios de Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Farroupilha, Caxias do Sul e Garibaldi, que, em 2007, último ano disponível, representaram 53,5% da produção estadual. Na comparação com os primeiros anos da década de 90, quando a participação desses municípios chegou a alcançar 70% do total estadual, verifica-se uma ampliação da representatividade de outras regiões, como é o caso de alguns municípios da Fronteira.

Tal redistribuição é derivada de alterações na estratégia de produção vitivinícola no Estado que vem introduzindo novas espécies de uvas, adequadas a outros climas e solos, com possibilidades de redução de custos e de maior uso de maquinário. Essa estratégia, embora seja correta do ponto de vista produtivo, não é suficiente para fazer frente ao acirramento da concorrência internacional da indústria vinícola. Ainda que tenha ocorrido expansão da área plantada e da área colhida, a projeção da produção de uva para 2009 é de queda, podendo haver redução da produtividade.

Área plantada, área colhida e produção de uva no Brasil e no RS — 2008 e 2009

LOCAL E ANO DA SAFRA	ÁREA PLANTADA (ha)	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO (t)
Brasil			
2008	83 542	79 374	1 403 002
2009	82 624	79 127	1 310 189
Rio Grande do Sul			
2008	49 819	47 177	776 027
2009	50 415	48 259	737 363

FONTE: IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola. NOTA: A estimativa refere-se ao mês de julho de 2009. A tabela compara, a cada mês, o valor da estimativa da safra no ano com o valor mais fidedigno conhecido da safra do ano anterior.

Miriam Jardim Kuhn (FEE/CEES)

## Impactos da crise no comércio gaúcho

Segundo o Índice de Vendas do Comércio (IVC) — Convênio FEE e Fecomércio-RS —, o Estado experimentou, em 2009, com o advento da crise, uma retração que não era verificada desde 2005, ano da última grande estiagem. O volume de vendas, no primeiro semestre de 2009, retraiu-se 3,0% quando comparado com igual período do ano anterior. Em 2005, a queda foi de 6,7%.

No atacado, a retração não foi tão intensa (-1,3%). O comércio atacadista de veículos, motocicletas, partes, peças e acessórios (13,5%) e o de matérias-primas agropecuárias (13,4%) foram os responsáveis pela amenização na queda do atacado. No entanto, quedas acentuadas foram verificadas

no segmento de produtos intermediários industriais (-16,3%) e no de material de construção, madeira, ferragens e ferramentas (-19,7%).

No varejo, a redução (-4,7%) foi a maior verificada nesta série (início em 2004). À exceção do comércio varejista de combustíveis e lubrificantes (4,5%), houve queda em todos os demais setores, com destaque (negativo) para o segmento de materiais de construção (-13,9%) e o de tecidos, vestuário e calçados (-13,4%). Além desses, salienta-se o de produtos alimentícios, bebidas e fumo (-1,6%) e o de veículos, motocicletas, partes, peças e acessórios (-4,8%), que exercem influência significativa no índice agregado do varejo.

Varição acumulada no primeiro semestre de volume de vendas no comércio, segundo atividades econômicas selecionadas, no Rio Grande do Sul — 2005-09

ATIVIDADES ECONÔMICAS	2005	2006	2007	2008	2009
<b>Comércio</b> .....	-6,7	0,0	6,4	6,2	-3,0
Comércio varejista .....	-1,2	0,8	4,6	6,1	-4,7
Produtos alimentícios, bebidas e fumo .....	5,4	8,4	2,0	-1,3	-1,6
Combustíveis e lubrificantes .....	-7,6	-6,9	3,8	8,9	4,5
Veículos, motocicletas, partes, peças e acessórios .....	0,5	-0,4	8,9	16,9	-4,8
Materiais de construção .....	-2,9	-3,0	3,6	4,0	-13,9
Tecidos, vestuário e calçados .....	-4,7	-5,1	2,4	-1,3	-13,4
Comércio atacadista .....	-12,4	-0,9	8,4	6,3	-1,3
Veículos, motocicletas, partes, peças e acessórios .....	-1,7	-1,1	12,5	17,7	13,5
Material de construção, madeira, ferragens e ferramentas .....	-9,0	1,6	5,5	10,6	-19,7
Produtos intermediários industriais .....	-5,3	-0,5	5,7	-5,8	-16,3
Matérias-primas agropecuárias .....	-29,2	23,9	5,4	3,0	13,4

FONTE: IVC-RS - Convênio FEE e Fecomércio-RS.

NOTA: O IVC-RS é elaborado pela FEE, utilizando os dados brutos oriundos da Secretaria da Fazenda do Rio Grande do Sul.

Rafael Bernardini Santos (FEE/CIE)

**ECONOMIA BRASILEIRA**

Variáveis macroeconômicas selecionadas — dez./96-jul./09

MESES E ANOS	TAXAS ANUAIS DE CRESCI- MENTO DO PIB (1) (IBGE)	TAXA DE INVESTIMENTO (2) (% do PIB) (IPEA)	TAXA MÉDIA DE DESEMPREGO ABERTO (3) (% da PEA) (IBGE)	TAXAS ANUAIS DE VARIAÇÃO DO ÍNDICE DE PREÇOS (4) (IPCA/IBGE)	TAXAS BÁSICAS DE JUROS AO ANO (%) (Bacen)	TAXA EFETIVA DE CÂMBIO (5) (Funcex)		SALÁRIOS REAIS NA INDÚSTRIA (IBGE)		BASE MONETÁRIA (saldo em R\$ milhões correntes) (Bacen)
						Índice (base fixa: dez./03 = 100)	Taxa de Variação (4)	Índice (base jan./01 = 100)	Taxa de Variação (7)	
Dez./96	2,1	21,0	-	10,1	23,00	-	-	127,2	0,2	20 106
Dez./97	3,4	22,2	-	5,2	38,00	-	-	132,8	0,8	32 283
Dez./98	0,0	21,2	-	1,7	29,00	-	-	131,3	-0,5	39 285
Dez./99	0,3	19,6	-	8,9	19,00	-	-	125,4	0,1	45 407
Dez./00	4,3	20,3	-	6,0	16,50	-	-	128,3	0,2	46 304
Dez./01	1,3	19,2	10,6	7,7	19,00	-	-	130,7	25,7	52 846
Dez./02	2,7	-	10,5	12,5	22,00	-	-	122,4	20,3	69 901
Dez./03	1,1	-	10,9	9,3	17,50	-	-	126,4	21,9	70 802
Dez./04	5,7	-	9,6	7,6	17,25	88,9	-	134,4	24,8	87 344
Dez./05	2,9	-	8,3	5,7	18,50	75,7	-14,8	135,5	21,3	98 306
Dez./06	3,8	-	8,4	3,1	13,25	73,8	-2,5	135,1	19,7	118 304
Ago./07	-	-	9,5	4,2	11,50	70,8	-6,1	103,5	-4,3	117 425
Set./07	5,3	-	9,0	4,2	11,50	68,1	-9,1	102,7	-0,8	123 181
Out./07	-	-	8,7	4,1	11,25	64,9	-10,7	105,7	3,0	124 345
Nov./07	-	-	8,2	4,2	11,25	64,5	-12,0	115,7	9,5	127 393
Dez./07	5,7	-	7,4	4,5	11,25	63,9	-13,4	140,8	21,7	143 642
Jan./08	-	-	8,0	4,6	11,25	63,7	-12,5	112,0	-20,5	141 858
Fev./08	-	-	8,7	4,6	11,25	62,7	-12,7	106,6	-4,9	132 524
Mar./08	5,9	-	8,6	4,7	11,25	63,5	-12,0	108,1	1,5	130 811
Abr./08	-	-	8,5	5,0	11,25	63,1	-13,4	106,1	-1,9	131 320
Mai/08	-	-	7,9	5,6	11,75	61,2	-14,8	108,7	2,5	132 658
Jun./08	6,0	-	7,9	6,1	12,25	59,8	-14,6	107,2	-1,4	131 067
Jul./08	-	-	8,1	6,4	13,00	59,1	-14,3	109,6	2,2	134 669
Ago./08	-	-	7,6	6,2	13,75	58,6	-17,2	109,9	0,3	133 935
Set./08	6,3	-	7,6	6,3	13,75	63,4	-6,9	108,4	-1,4	137 544
Out./08	-	-	7,5	6,4	13,75	70,6	8,8	109,1	0,7	139 816
Nov./08	-	-	7,6	6,4	13,75	70,2	8,8	120,3	10,3	130 600
Dez./08	5,1	-	6,8	5,9	13,75	74,5	16,6	148,1	23,1	145 742
Jan./09	-	-	8,2	5,8	12,75	71,1	11,6	113,8	-23,1	142 042
Fev./09	-	-	8,5	5,9	12,75	70,1	11,8	113,4	-0,4	135 861
Mar./09	3,1	-	9,0	5,6	11,25	69,7	9,8	111,3	-1,9	132 168
Abr./09	-	-	8,9	5,5	10,25	68,1	7,9	110,4	-0,8	132 422
Mai/09	-	-	8,8	5,2	10,25	65,0	6,2	115,0	4,1	134 772
Jun./09	-	-	8,1	4,8	9,25	63,2	5,7	112,5	-2,1	136 247
Jul./09	-	-	-	4,5	8,75	-	-	-	-	138 421

(continua)

MESES E ANOS	NECESSIDADES PRIMÁRIAS DE FINANCIAMENTO DO SETOR PÚBLICO (6) (Bacen)	DÍVIDA LÍQUIDA TOTAL DO SETOR PÚBLICO (% do PIB) (Bacen)	INDÚSTRIA				SETOR EXTERNO						
			Índice da Produção Física (base 2002 = 100) (IBGE)	Taxas de Crescimento (IBGE)		Utilização da Capacidade Instalada (%) (IBRE) (8)	Taxas de Crescimento (Secex)		% do PIB (Bacen)			Reservas Externas (conceito de liquidez internacional) (US\$ milhões) (Bacen)	Dívida Externa Total (US\$ milhões correntes)
				Produção física (1)	Produtividade física da indústria (7)		Exporta- ções (1)	Importa- ções (1)	Transações correntes (6)	Investi- mentos diretos (6)	Transações correntes não cobertas por investimentos diretos (6)		
Dez./96	0,09	33,3	83,87	1,7	-	84,0	2,7	6,7	-2,98	1,28	1,70	60 110	...
Dez./97	0,98	34,5	81,16	3,9	-	83,2	11,0	15,1	-4,16	2,13	2,03	52 173	199 998
Dez./98	-0,01	42,6	79,26	-2,0	-	81,0	-3,5	-6,2	-4,24	3,66	0,58	44 556	241 777
Dez./99	-3,13	49,7	86,06	-0,7	-	81,5	-6,1	-14,9	-4,32	4,87	-0,55	36 342	241 468
Dez./00	-3,56	48,8	92,66	6,6	-	82,7	14,7	13,8	-3,76	5,08	-1,33	33 011	236 156
Dez./01	-3,67	52,6	86,69	1,6	-10,7	80,2	5,7	0,1	-4,19	4,06	0,14	35 866	226 067
Dez./02	-3,96	55,5	93,75	2,7	-9,9	80,9	3,7	-15,4	-1,51	3,29	-1,78	37 823	227 689
Dez./03	-4,37	57,2	98,23	0,4	-6,9	81,9	21,1	2,3	0,75	1,83	-2,59	49 296	235 414
Dez./04	-4,59	51,7	106,41	8,3	-6,6	84,4	32,0	30,0	1,76	2,73	-4,49	52 935	220 182
Dez./05	-4,83	46,5	109,34	3,1	-5,1	83,7	22,6	17,2	1,58	1,71	-3,29	53 799	187 987
Dez./06	-3,88	44,0	109,65	2,8	-8,1	84,4	16,2	24,1	1,27	1,76	-3,03	85 839	199 372
Ago./07	-4,10	43,0	132,52	4,5	4,9	85,7	16,6	27,6	0,69	2,81	-3,50	161 097	235 557
Set./07	-4,02	43,2	124,19	4,8	-6,4	86,1	16,0	27,9	0,55	2,75	-3,30	162 962	237 632
Out./07	-4,19	43,2	136,83	5,3	8,0	87,0	15,9	28,4	0,40	2,81	-3,22	167 867	238 262
Nov./07	-4,21	42,4	130,47	5,5	-4,0	87,2	16,6	29,3	0,19	2,75	-2,94	177 060	242 098
Dez./07	-3,97	43,9	116,58	6,0	-8,3	86,7	16,8	32,1	0,12	2,59	-2,71	180 334	240 495
Jan./08	-4,14	41,9	118,75	6,3	3,0	84,3	17,0	33,4	-0,16	2,73	-2,57	187 507	244 829
Fev./08	-4,18	42,0	114,18	6,8	-3,8	84,7	17,8	36,6	-0,32	2,65	-2,33	192 902	247 998
Mar./08	-4,47	41,2	123,04	6,6	5,9	85,2	16,3	36,0	-0,64	2,64	-2,00	195 232	253 483
Abr./08	-4,25	40,9	124,96	7,0	1,4	85,1	15,3	38,0	-0,97	2,63	-1,65	195 767	254 307
Mai./08	-4,35	40,6	128,53	6,7	1,5	85,6	16,5	40,0	-1,00	2,65	-1,64	197 906	259 109
Jun./08	-4,24	40,5	129,51	6,7	0,8	86,3	18,9	43,8	-1,22	2,09	-0,87	200 827	262 429
Jul./08	-4,33	40,7	136,50	6,9	4,1	86,1	22,6	46,0	-1,29	2,03	-0,74	203 562	266 862
Ago./08	-4,37	40,5	135,10	6,4	-1,0	86,6	24,5	48,2	-1,44	2,18	-0,74	205 116	271 079
Set./08	-4,55	37,8	136,17	6,8	0,3	86,3	27,0	50,7	-1,63	2,46	-0,82	206 494	272 966
Out./08	-4,47	36,2	138,29	5,9	0,6	86,3	26,3	50,3	-1,68	2,47	-0,79	197 229	278 919
Nov./08	-4,27	34,9	122,10	4,8	-9,6	85,2	24,5	46,0	-1,63	2,42	-0,78	194 668	271 428
Dez./08	-3,68	38,8	99,40	3,1	-15,3	80,6	23,0	41,9	-1,79	2,86	-1,07	193 783	262 910
Jan./09	-3,20	36,9	98,02	1,0	1,7	76,7	19,2	35,8	-1,76	2,75	-1,00	188 102	267 486
Fev./09	-3,03	37,1	94,99	-1,0	-0,9	77,0	15,3	27,6	-1,72	2,90	-1,18	186 880	261 821
Mar./09	-2,83	40,6	111,09	-1,9	15,0	77,1	15,0	24,4	-1,58	2,88	-1,30	190 388	259 926
Abr./09	-2,54	41,4	106,47	-3,9	-3,9	77,6	12,8	18,0	-1,40	2,93	-1,53	190 546	262 113
Mai./09	-2,28	42,6	114,15	-5,0	6,4	78,7	4,9	9,2	-1,50	3,08	-1,58	195 264	264 694
Jun./09	-2,04	43,1	115,35	-6,5	1,3	79,0	-0,6	0,3	-1,37	3,05	-1,68	201 467	266 283
Jul./09	-	-	-	-	-	79,8	-7,5	-7,7	-1,35	2,94	-1,59	207 363	267 482

FONTE: IPEA. IBGE. Bacen. DIEESE. FGV. IBRE. Macrométrica.

(1) Variação percentual do fluxo dos últimos 12 meses em relação aos 12 meses anteriores. (2) Taxa de investimento no trimestre (preços de 1990). Taxa obtida a partir da relação entre as séries de índices reais (base fixa, dessazonalizado) da formação bruta de capital fixo e do PIB. (3) Pessoas que procuraram trabalho de maneira efetiva nos últimos 30 dias anteriores ao da entrevista e não exerceram nenhum trabalho. (4) Variação percentual em relação ao mesmo mês do ano anterior. (5) R\$/cesta de 13 moedas: Zona do Euro, EUA, Japão, Argentina, China, Coréia do Sul, Rússia, Canadá, Uruguai, Paraguai, Chile, México e Reino Unido. (6) Valor dos últimos 12 meses. (7) Variação percentual em relação ao mês anterior. (8) Taxa mensal.

## Carta de Conjuntura - Ano 18 nº 09

### ECONOMIA DO RS

Variáveis selecionadas — mar./07-jul./09

MESES E ANOS	PIB (1)	PRODUÇÃO FÍSICA NA INDÚSTRIA			ICMS (R\$ milhões)				ÍNDICES DE PREÇOS	
		Base Fixa (4)	Mês (5)	Acumulado no Ano (6)	Industrial	Comércio Atacadista	Comércio Varejista	Total	IEPE (7)	CUB (R\$)
Mar./07	-	114,29	107,16	106,25	408,3	224,3	96,3	824,7	86,65	906,95
Abr./07	-	112,37	115,18	108,53	475,0	311,9	101,2	970,4	86,98	908,85
Mai./07	-	118,51	109,31	108,70	468,1	243,9	103,0	970,4	87,19	913,28
Jun./07	-	108,10	106,78	108,37	415,1	323,5	128,0	993,3	88,10	919,60
Jul./07	-	112,43	108,99	108,46	401,5	281,8	120,8	926,8	88,81	942,88
Ago./07	-	113,04	106,48	108,20	513,2	236,3	135,8	1 009,1	88,95	945,05
Set./07	-	100,21	101,59	107,48	434,1	297,5	138,0	1 006,5	89,00	948,23
Out./07	-	115,45	109,56	107,69	466,6	288,9	132,1	1 022,4	89,03	951,56
Nov./07	-	110,37	106,87	107,62	550,4	320,1	130,8	1 147,5	90,04	953,61
Dez./07	7,0	98,53	105,22	107,43	509,5	340,0	121,3	1 135,9	90,76	957,09
Jan./08	-	102,86	108,95	108,95	520,0	336,8	219,4	1 243,3	91,71	957,57
Fev./08	-	105,86	112,17	110,56	511,9	308,3	139,1	1 114,0	91,48	959,14
Mar./08	-	113,20	99,04	106,22	514,4	280,7	117,5	1 054,9	92,09	964,44
Abr./08	-	120,91	107,59	106,59	523,5	368,0	137,1	1 167,1	92,77	967,72
Mai./08	-	114,61	96,70	104,39	492,2	392,1	129,5	1 172,8	94,23	969,38
Jun./08	-	115,69	107,02	104,83	651,0	303,1	156,0	1 322,2	95,53	981,24
Jul./08	-	119,12	105,95	105,00	449,0	431,3	146,8	1 163,7	96,34	1 030,71
Ago./08	-	114,87	101,61	104,56	536,3	340,2	144,4	1 133,6	96,66	1 038,38
Set./08	-	116,12	115,87	105,73	575,8	390,2	154,1	1 278,5	96,95	1 048,99
Out./08	-	118,38	102,53	105,39	547,6	416,4	128,0	1 285,5	97,13	1 055,21
Nov./08	-	99,17	89,85	103,95	538,0	482,3	136,3	1 328,3	98,00	1 058,22
Dez./08	3,8	81,68	82,89	102,35	508,2	368,8	131,1	1 165,8	98,18	1 069,27
Jan./09	-	81,60	79,32	79,32	651,5	304,8	194,6	1 314,0	98,69	1 075,83
Fev./09	-	84,17	79,51	79,42	531,3	264,6	129,3	1 084,4	99,27	1 079,34
Mar./09	-	101,90	90,01	83,15	513,9	276,8	132,5	1 081,7	99,61	-
Abr./09	-	104,50	86,42	84,04	666,3	303,1	119,0	1 246,4	100,00	-
Mai./09	-	105,32	85,65	85,65	631,7	284,8	137,8	1 214,6	100,44	-
Jun./09	-	104,60	86,47	86,47	554,0	287,5	156,6	1 156,8	100,86	-
Jul./09	-	-	-	-	552,8	283,0	149,5	1 139,1	100,83	-

(continua)

## ECONOMIA DO RS

Variáveis selecionadas — mar./07-jul./09

MESES E ANOS	SALDO DE ADMISSÕES E DESLIGAMENTOS COM CARTEIRA	DESEMPREGO NA RMPA		RENDIMENTOS NA RMPA (2)		CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA (3) (mwh)		EXPORTAÇÕES VALOR (1 000 US\$ FOB)
		Taxa de Desemprego		Ocupados (8)	Assalariados (9)	Industrial	Total	
		Aberto	Total					
Mar./07	8 926	9,4	12,9	1 133	1 169	544 817	1 838 957	1 062 709
Abr./07	15 008	10,1	13,6	1 151	1 181	556 619	1 788 914	971 243
Mai./07	-3 382	10,6	14,1	1 159	1 181	561 775	1 704 116	1 400 416
Jun./07	-1 132	10,8	14,4	1 153	1 181	556 098	1 642 989	1 281 777
Jul./07	-1 690	10,3	13,8	1 153	1 176	542 700	1 617 726	1 673 608
Ago./07	673	10,0	13,4	1 152	1 174	559 421	1 653 837	1 571 858
Set./07	14 986	9,6	12,8	1 150	1 156	534 178	1 612 954	1 280 444
Out./07	20 118	9,5	12,4	1 163	1 173	538 908	1 626 879	1 608 080
Nov./07	20 319	9,2	11,9	1 167	1 174	540 020	1 646 665	1 163 724
Dez./07	-8 065	8,7	11,3	1 194	1 197	527 914	1 737 091	1 277 226
Jan./08	19 029	8,4	11,2	1 157	1 155	467 639	1 914 097	1 155 177
Fev./08	20 080	8,3	11,3	1 130	1 126	553 905	1 949 550	1 196 912
Mar./08	18 474	8,7	11,7	1 112	1 125	556 404	1 905 271	1 156 056
Abr./08	13 578	9,0	12,0	1 142	1 154	591 331	1 852 881	1 398 875
Mai./08	2 296	9,2	12,2	1 174	1 193	588 888	1 747 461	1 718 977
Jun./08	7 990	8,7	11,9	1 197	1 211	579 625	1 722 206	1 682 512
Jul./08	4 522	8,7	11,9	1 200	1 218	599 694	1 738 101	1 866 525
Ago./08	4 814	8,3	11,3	1 209	1 215	598 172	1 738 262	1 733 246
Set./08	10 540	8,3	11,2	1 214	1 219	570 888	1 684 761	2 556 164
Out./08	8 873	7,9	10,6	1 215	1 215	583 481	1 723 158	1 662 121
Nov./08	8 036	7,7	10,2	1 208	1 214	545 726	1 702 679	1 120 931
Dez./08	-27 678	7,4	9,8	1 190	1 186	504 271	1 821 798	1 212 575
Jan./09	2 798	7,6	10,0	1 201	1 184	370 254	1 838 172	704 515
Fev./09	747	7,8	10,4	1 223	1 208	451 763	1 869 565	876 189
Mar./09	4 734	9,0	11,7	1 231	1 230	484 699	1 925 556	883 952
Abr./09	2 935	9,7	12,1	1 214	1 227	-	-	1 057 077
Mai./09	-4 076	10,1	12,6	1 193	1 205	-	-	1 302 929
Jun./09	-1 394	9,5	12,0	1 217	1 206	-	-	1 879 368
Jul./09	-481	9,2	12,0	-	-	-	-	1 506 217

FONTE: FEE. IBGE. MICT. PED-RMPA. Secretaria da Fazenda-RS. IEPE. SINDUSCON. Ministério do Trabalho e Emprego.

(1) Refere-se à taxa anual. (2) Inflator utilizado: IPC-IEPE; valores em reais de jun./09. (3) Refere-se à soma do consumo de energia elétrica divulgado pelas três principais operadoras do Estado (RGE, AES-SUL e CEEE). (4) Base: média de 2002 = 100. (5) Base: igual mês do ano anterior = 100. (6) Base: igual período do ano anterior = 100. (7) Base: abr./09 = 100. (8) Exclusive os assalariados e os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganham exclusivamente em espécie ou benefício. (9) Exclusive os assalariados que não tiveram remuneração no mês e os empregados domésticos.

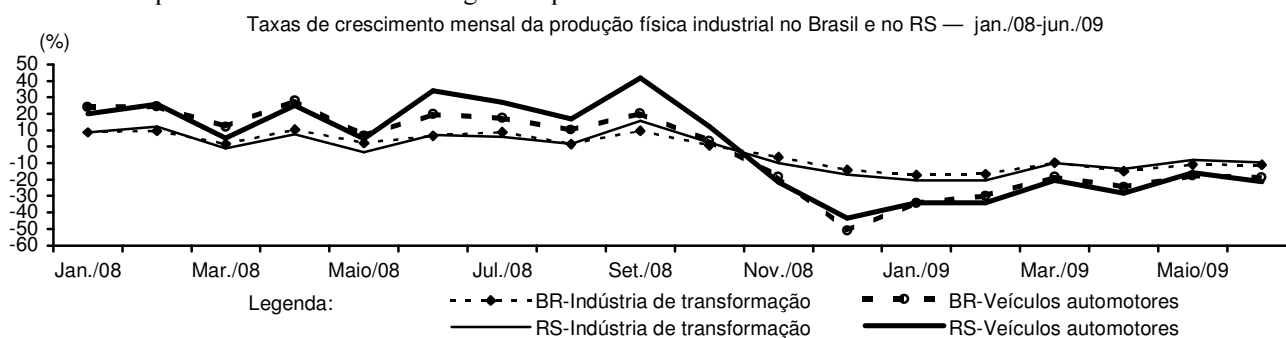
## Veículos automotores: recuos maiores na produção e vendas de ônibus e caminhões

Após atingir fortes taxas mensais negativas no primeiro bimestre do ano, quando comparadas com as do mesmo período de 2008 (em torno de -17% na indústria brasileira e -20% na gaúcha), a produção física industrial vem apresentando sinais de recuperação, por conta do ajuste de estoques, do impacto ainda positivo das reduções de impostos, das maiores facilidades de crédito e da substituição de produtos importados por nacionais. As taxas globais continuam bastante negativas, acompanhadas de grandes perdas de empregos formais (144.000 no Brasil e 10 mil no RS) no primeiro semestre de 2009. Porém alguns setores vêm conseguindo melhorar seu desempenho, como, por exemplo, o de fabricação e montagem de veículos automotores.

A leve recuperação (embora ainda com taxas negativas) que se seguiu ao corte expressivo da produção desses bens no final do ano passado concentrou-se no segmento produ-

tor de automóveis e comerciais leves, tendo sido amplamente estimulada pela redução do IPI. No acumulado dos sete primeiros meses de 2009, os licenciamentos de veículos leves nacionais superaram as marcas do mesmo período do ano anterior, mas as exportações continuaram fortemente negativas.

O quadro é mais preocupante no segmento produtor de ônibus, caminhões, carrocerias e implementos rodoviários, mais representativo na indústria automotiva gaúcha. Fatores como o esfriamento da atividade industrial, o atraso do programa de financiamento à aquisição de caminhões, a diminuição da demanda por ônibus urbanos, as indefinições quanto à prorrogação das concessões das linhas interestaduais no Brasil e o fraco desempenho das exportações contribuíram para a retração no número de unidades produzidas desses bens (em torno de -30%) no período jan.-jul./09, comparado com 2008, conforme dados da Anfavea.



FONTE: IBGE/Pesquisa Industrial Mensal/Produção Física.

NOTA: Os dados têm como base igual período do ano anterior = 100.

Silvia Horst Campos (FEE/CEES)

## Vulnerabilidade do trabalho sem carteira na crise

A atividade econômica do Rio Grande do Sul sofreu uma considerável redução em função do impacto da crise financeira internacional. De acordo com a FEE, o Índice Trimestral de Atividade Produtiva (ITAP) estadual caiu 5,0% no quarto trimestre de 2008 e 8,9% no primeiro trimestre de 2009, relativamente ao mesmo período do ano anterior. Esse recuo na atividade produtiva provocou uma forte desaceleração na geração de postos de trabalho: entre julho de 2008 e julho de 2009, verificou-se um aumento de 1,7% apenas. No mesmo período do ano anterior, o número de ocupados na RMPA aumentou 7,9%. Considerando apenas o período de dezembro de 2008 a julho de 2009, verificou-se queda de 1,3% no contingente de ocupados da RMPA, ao passo que, entre dezembro de 2007 e julho de 2008, foi registrado um aumento de 1,9%.

Evidências empíricas mostram que a desaceleração econômica afetou mais fortemente o segmento dos trabalhadores com inserção mais frágil no mercado de trabalho (os assalariados sem carteira de trabalho assinada) do que o grupo dos mais protegidos (os assalariados com carteira de trabalho assinada). Entre julho de 2008 e julho de 2009, o emprego com carteira no setor privado da RMPA elevou-se 3,6%, ao passo que o emprego sem carteira caiu 8,1%. Esse processo não ocorreu de modo uniforme nos diversos setores de atividade econômica da RMPA. No comércio, na construção civil e nos serviços, o contingente dos assalariados com carteira aumentou significativamente — 13,8%, 9,4% e 7,0% respectivamente —, enquanto o dos assalariados sem carteira experimentou queda. A indústria, mais atingida pela crise em função de seus

vínculos com a economia internacional, apresentou forte redução no total dos com carteira (-7,8%) e, especialmente, no dos sem carteira (-25,0%).

Variação do número de assalariados do setor privado, por setores de atividade econômica e tipo de inserção, na RMPA — jul./08-jul./09

SETORES E TIPOS DE INSERÇÃO	VARIÇÃO	
	Absoluta (1 000 pessoas)	Percentual
<b>Assalariados do setor privado</b>		
Com carteira .....	29	3,6
Sem carteira .....	-13	-8,1
<b>Indústria</b>		
Com carteira .....	-19	-7,8
Sem carteira .....	-8	-25,0
<b>Comércio</b>		
Com carteira .....	22	13,8
Sem carteira .....	-1	-3,6
<b>Serviços</b>		
Com carteira .....	26	7,0
Sem carteira .....	-4	-4,6
<b>Construção civil</b>		
Com carteira .....	3	9,4
Sem carteira .....	(1)-	(1)-

FONTE DOS DADOS BRUTOS: PED-RMPA.

(1) A amostra não comporta a desagregação para essa categoria.

Walter Arno Pichler (FEE/CEES)

## Principais fontes de informação para inovação nas empresas

Atualmente, o fenômeno das inovações tecnológicas cumpre um papel crucial no processo de desenvolvimento econômico e social de regiões e de países. Assim, os processos inovativos despertam cada vez maior interesse como possibilidade real de elevar a capacidade competitiva das empresas e de melhorar a qualidade de vida da sociedade. Nesse contexto, as fontes de informação — tanto internas como externas — possuem um lugar de destaque para as empresas inovadoras, enquanto insumo fundamental para o desenvolvimento de produtos (bens e serviços) e/ou de processos tecnologicamente novos ou substancialmente aprimorados.

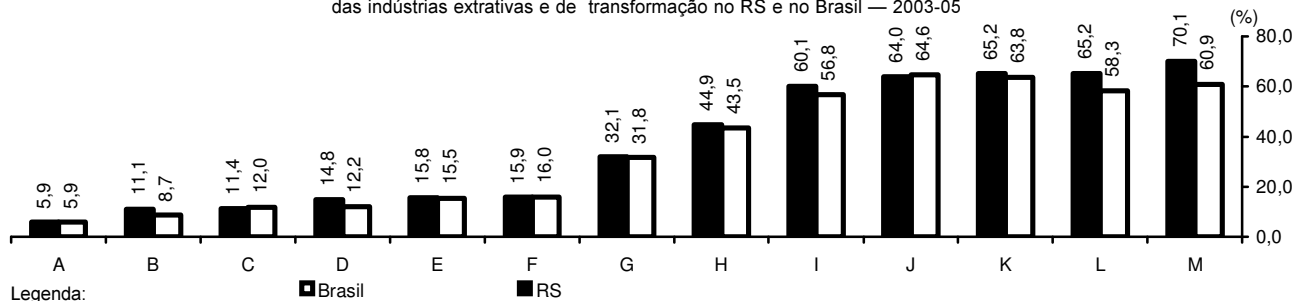
Na Pesquisa de Inovação Tecnológica (Pintec) — IBGE/Finep/MCT —, pode-se observar a proporção das empresas gaúchas inovadoras (das indústrias extrativas e de transformação) que indicou uma importância alta ou média para cada tipo de fonte de informação empregada para inovação no período 2003-05. A atenção maior recai sobre as fontes mais relevantes do RS: em primeiro lugar, aparecem clientes ou consumidores (para 70,1% das empresas); seguido de feiras e exposições (65,2%); fornecedores (65,2%); e áreas da própria empresa, exceto departamento de P&D (64,0%). De outro lado, dentre as fontes menos apreciadas pelas empresas, destacam-se aquisição de licenças, patentes e *know-how* (apenas 5,9%); universidades e institutos de pesquisa (11,4%); e empresas de consultoria e consultores independentes (14,8%).

Colocando esses indicadores lado a lado com os do Brasil, percebe-se que os percentuais, de modo geral, são seme-

lhantes. A diferença mais expressiva apresenta-se na importância dada às informações de clientes ou consumidores, que é quase 10 pontos percentuais maior no RS do que no País. Aliás, essa categoria de fonte nem mesmo é a mais relevante em nível nacional, ficando em terceiro lugar, logo abaixo de outras áreas da empresa e de fornecedores.

Chama também atenção o dado referente a universidades e institutos de pesquisa, em razão da sua pouca valorização como fonte de informação e de, ao mesmo tempo, tanto o Estado como o País apresentarem um quadro de instituições fortes na produção científica. Esse paradoxo exprime a dificuldade histórica e cultural de a comunidade acadêmica e o setor produtivo estabelecerem relações recíprocas, o que pressupõe, dentre outras coisas, linguagens desconformes entre eles. Uma das causas para essa debilidade está no caráter tardio e limitado da criação de universidades e/ou institutos de pesquisa, assim como da industrialização. Podem ainda ser lembradas, como elementos explicativos desse descompasso, a tradicional dependência científico-tecnológica que marca o País e as práticas de importação de pacotes tecnológicos prontos por parte das empresas. Nessa situação, exige-se a intensificação dos relacionamentos entre ciência (instituições de pesquisa) e tecnologia (empresas) para um moderno desenvolvimento.

Proporção de empresas que implementaram inovações, por grau de importância (alta ou média) das fontes de informação empregadas, das indústrias extrativas e de transformação no RS e no Brasil — 2003-05



Legenda:

■ Brasil  
■ RS

A - Licenças, patentes e *know-how*. B - Departamento de P&D (fontes internas). C - Universidades e institutos de pesquisa. D - Empresas de consultoria e consultores independentes. E - Centros de capacitação profissional e assistência técnica. F - Instituições de testes, ensaios e certificações. G - Conferências, encontros e publicações especializadas. H - Concorrentes. I - Redes de informação informatizadas. J - Outras áreas da empresa. K - Fornecedores. L - Feiras e exposições. M - Clientes ou consumidores.

FONTE: Pintec (IBGE/Finep/MCT).

Iván G. Peyré Tartaruga (FEE/CEES)

CARTA DE CONJUNTURA FEE (elaborada com informações até 28.08.09).

ISSN 1517-7254

A *Carta de Conjuntura FEE* é uma publicação mensal de responsabilidade dos editorialistas. As opiniões não exprimem um posicionamento oficial da FEE ou da Secretaria do Planejamento e Gestão.

Tiragem: 250 exemplares.


**Fundação de  
Economia e  
Estatística**

Presidente: Adelar Fochezatto  
Diretor Técnico: Octavio Augusto Camargo Conceição  
Diretor Administrativo: Nôra Angela Gundlach Kraemer

**Conselho Editorial da Carta:** Octavio Augusto Camargo Conceição, Adalberto Alves Maia Neto, Roberto da Silva Wiltgen e Sônia Unikowsky Teruchkin.

**Núcleo de Dados:** Marilene Gauer (coordenação), Ana Maria de Oliveira Feijó e Jussara Lima do Nascimento.

**Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser**

Rua Duque de Caxias, 1691 - Porto Alegre  
CEP 90010-283

E-mail: conjuntura@fee.tche.br  
www.fee.rs.gov.br

**Editoração**

**Supervisão:** Valesca Casa Nova Nonnig. Secretária: Vera Lúcia Pires Dalberto. Expedição: Lisete Maria Giroto.

**Revisão**

Revisores: Maria Inacia Flôr Reinaldo, Sidonia Therezinha Hahn Calvete e Susana Kerschner.

**Editoria**

Coordenação: Cirei Pereira da Silveira. Composição, diagramação e arte final: Denize Maria Maciel, Ieda Terezinha Koch Leal, Jose Antonio da Silva e Rejane Maria Bondanza Lopes. Conferência: Lourdes Teresinha dos Santos e Vera Sonia da Silva Castro. Impressão: Cassiano Osvaldo Machado Vargas e Luiz Carlos da Silva.